

1973: O FESTIVAL DE AREIA QUE NÃO HOUVE

Victor Soares Lustosa

Professor da rede estadual de ensino do Rio Grande do Norte

victorlustosa@gmail.com

Introdução

Areia, pequena cidade do brejo da Paraíba, terra do pintor Pedro Américo, palco das revoluções liberais de 1817 e 1824, cenário da narrativa de A Bagaceira, do também areense José Américo de Almeida, ali, em meio aos engenhos e alambiques de cachaça, teve lugar um dos mais significativos festivais de artes da Paraíba no século XX e um dos mais importantes do país na década de 1970 – o Festival de Verão de Areia.

Sob influência do Festival de Inverno da UFMG, que acontecia em Ouro Preto desde 1967, o Festival de Verão de Areia começou a ser idealizado e organizado em 1972 pelo músico, maestro e na época diretor do setor de Artes da UFPB, José Alberto Kaplan. Após ter alcançado recursos, definido a programação e ser divulgada em jornais pelo Brasil e em universidades no exterior, o Festival de Verão de Areia, que seria realizado em janeiro de 1973 pela Universidade Federal da Paraíba foi cancelado por ação do SNI. Com as mudanças que se operaram dentro do Estado brasileiro com a reorientação estratégica da Doutrina de Segurança Nacional a partir do governo Ernesto Geisel em 1974, através da chamada distensão política (abertura "lenta, gradual e segura"), e na qual se verificou uma Política Nacional de Cultura (1975) tal como não se via no país desde da Era Vargas, o Governo do Estado da Paraíba, através de seu Departamento de Assuntos Culturais (DAC), assume a tarefa de realizar o festival.

Entre 1976 e 1982, jovens estudantes de artes plásticas, música, cinema, teatro e literatura da Paraíba e de boa parte do país, subiram a serra da Borborema para participarem das oficinas, cursos e assistirem às palestras de intelectuais e artistas já consagrados no cenário artístico brasileiro, tais como: Ivan Cavalcanti Proença, Paulo Pontes, Walter Lima Junior, Jorge Amado, Vladimir Carvalho, Ipojuca Pontes, Fernando Peixoto, Clyde Morgan, Lygia Pape, Jean Claude Bernardet e Antônio Houaiss.

O presente artigo traz um breve história do festival de inverno da UFMG, de como esse festival teve influência na concepção da sua versão na Paraíba alguns anos depois, mas, se concentra, sobretudo, no evento que não houve, o que seria a primeira edição do festival de verão de Areia, em 1973, e que foi cancelado em virtude do aparato repressivo da ditadura militar.

O festival matriz: O festival de Inverno da UFMG

Um festival de artes é uma confluência de vontades, individuais e institucionais. Ainda que parta de uma ou duas pessoas a ideia de se realizar um festival, essa ideia não culminará na realização e êxito de tal acontecimento sem que haja uma compatibilidade de interesses e vontades. Além disso, uma vez realizado, um festival funciona como uma caixa de ressonância, cujo eco se espalha através dos participantes, culminando na ideia e realização de outros festivais.

No caso do Festival de inverno da UFMG, a ideia partiu da pianista e professora da Fundação de Educação Artística (FEA)¹, Berenice Menegale quando, que após dar um curso de música em Belo Horizonte durante as férias de 1965, pensou na possibilidade de levá-lo a Ouro Preto. De início, a intenção era apenas promover atividades e oficinas artísticas durante as férias, entretanto, a forma final veio a ser o festival. O pesquisador Fabrício José Fernandino (2011) que analisou em sua tese de doutorado os primeiros 20 anos do Festival de Inverno da UFMG traz os meandros desses primeiros movimentos, analisando como, a partir da ideia de um curso de férias, se chegou a realização de um festival de artes.

Intencionada a fazer um curso de férias em Ouro Preto, a professora Berenice Menegale procurou o então diretor da Escola de Farmácia da UFOP, o professor Vicente Trópia, para externar sua ideia. Vicente Trópia, além de colocar as instalações da Escola de Farmácia à disposição para a realização de seu projeto, lhe informara que havia alguns

¹A Fundação de Educação Artística (FEA) foi formada em 1963 por um grupo de pessoas ligadas às artes e por músicos que estavam descontentes com o ambiente musical tradicionalista de Belo Horizonte. Atuam até hoje promovendo atividades de aprimoramento do ensino das artes, em particular, de música. Disponível em: sítio da fundação em <http://www.feabh.org.br/>. Acesso em: 15 setembro 2017.

professores da UFMG interessados em algo similar. A pianista, através do professor Haroldo Matos, que viria a ser o diretor do festival, toma a iniciativa de procurar esses professores para se articularem conjuntamente na promoção de "uma atividade artística de ensino em Ouro Preto no mês de Julho, período de férias escolares e propício à atividades dessa natureza"(FERNANDINO, 2011, p.33).

Promovido pela UFMG, a primeira edição do Festival de Inverno aconteceu em Ouro Preto em 1967. Segundo FERNANDINO (2011), dentre os artistas e professores fundadores do festival, se além da professora e pianista Berenice Menegale, o professor Vicente Tropia e o professor Haroldo Matos (diretor do festival), estiveram envolvidos na realização do evento a diretora da Fundação de Educação Artística (FEA), a professora Maria Clara Dias Paes Leme; os artistas plásticos e professores da Faculdade de Artes Visuais da UFMG, Álvaro Apocalypse e Yara Tupinambá; o professor José Tavares de Barro, responsável pela Mostra de Cinema organizada em parceria com o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro; o produtor cultural da UFMG, Júlio Varella (secretário do Festival); o educador artístico José Adolfo Moura;

Podemos perceber, portanto, que três instituições cooperaram entre si para a realização do Festival: a Fundação de Educação Artística, a Faculdade de Artes Visuais da UFMG (hoje Escola de Belas Artes da UFMG), e a Escola de Farmácia da UFOP. A realização da primeira edição foi um sucesso, e o Festival de Inverno da UFMG se consolidaria como o grande festival de artes do país. Apenas em Minas Gerais, segundo um levantamento da Secretaria de Cultura do Estado de Minas Gerais feito em 2002, foram catalogados 35 festivais com mais de três anos de continuidade.² No circuito cultural do Estado de Minas Gerais, o festival recebeu o título de "Mãe dos Festivais".

Dentre os filhos do Festival de Inverno da UFMG, o primeiro foi o Festival de Verão de Areia, ou teria sido, se a sua primeira edição, em 1973, não tivesse sido impedida pelo SNI. O professor do setor de artes da UFPB, José Alberto Kaplan, que havia sido convidado por Berenice Menegale para compor o quadro de professores em uma das edições do Festival de Inverno da UFMG em Ouro Preto, após uma visita a

²STOCKLER, Sérgio. Circuito Minas dos Festivais, Secretaria Estadual de Cultura, Belo Horizonte. 2002. Apud FERNANDINO, Fabrício José. 20 anos do Festival de Inverno da Universidade Federal de Minas Gerais: 1967-1986, p. 253. Tese de Doutorado. UFMG, Belo Horizonte: 20 de Dezembro de 2011.

cidade de Areia em 1972 com o objetivo de promover uma apresentação do Coral Universitário no município, tivera a ideia de realizar um festival nos moldes do de Ouro Preto, nas férias. No entanto, Kaplan não tinha interesse em fazer um evento que competisse o da UFMG, assim, não coincidiria com as férias de inverno, daí o Festival de Verão de Areia.

O festival de verão de Areia

Tão importante para o historiador quanto ao que aconteceu é que não aconteceu, tal como em música, em que tão importante quanto as notas são as pausas e os silêncios, ou na psicanálise em que o não dito muitas vezes acaba por dizer mais do que aquilo que é dito. O festival de 1973 foi um silêncio, não existiu, foi interrompido. Esta interrupção, no entanto, tem algo a nos dizer.

Em junho de 1972 o diretor do Setor de Artes da UFPB, o maestro José Alberto Kaplan e o pró-reitor de graduação da UFPB, o professor Celso de Paiva Leite, iniciaram um projeto de interiorização das atividades do Coral Universitário na Paraíba. A cidade escolhida para a experiência-piloto do projeto havia sido a cidade de Areia, pela forte tradição cultural da cidade que, embora naquele momento não vivesse os tempos áureos do século anterior, era a cidade da qual havia saído importantes nomes da cultura nacional, como o pintor Pedro Américo e José Américo de Almeida. Kaplan, em "*Caso me esqueçam*", escreve:

A escolha da cidade deu-se porque possuía forte tradição cultural e ali haviam florescido movimentos cívicos de ampla repercussão. De lá tinham saído Pedro Américo, Aurélio de Figueiredo, Abdon Milanez, José Américo de Almeida, Simeão Leal e muitos outros que brilharam no cenário político e artístico nacional, quando os areienses estavam a par dos movimentos filosóficos, discutiam literatura e assistiam a concertos e peças teatrais (...) Se bem que não mantendo o brilho dessa época, cultivava-se ainda o gosto pelas coisas do espírito. O número de colégios, centros de estudos e a Escola de Agronomia da UFPB, atestavam essa índole (KAPLAN, 1999, p. 135).

De forma semelhante ao ocorrido em Ouro Preto, a ideia inicial não era um festival, neste caso, não era nem um curso de férias, mas apenas uma apresentação do Coral Universitário. Tão logo chegava na desconhecida Areia, apenas vista nas descrições presentes em *A bagaceira*, de José Américo de Almeida, Kaplan se encanta pela cidade:

Viajamos em companhia de Márcia [Márcia Kaplan, sua esposa] e Arlindo [Arlindo Teixeira, regente do Coral Universitário]. Eu não conhecia a cidade, que me encantou em todos os sentidos. Circundada por uma natureza rica, onde o verde se fragmenta em inúmeros matizes, seus velhos e coloridos casarões resplandeciam ao sol. Lembrei-me de como José Américo a descreve n`"A Bagaceira": "Nos acidentes do caminho, Areia aparecia como encaçada nos astros e desaparecia num desmaio. Entremostrava-se, feita uma nuvem pousada na verdura" (KAPLAN, 1999, p. 135).

Assim que chegaram em Areia, a comitiva foi recepcionada pelo cônego Rui Viera e pela Irmã Jacinta. Tão logo o pró-reitor, Celso de Paiva Leite, comunica-lhes o motivo da visita, o padre Rui e a irmã Jacinta se prontificaram a dar apoio à iniciativa. Visitaram então a Escola de Agronomia, o Colégio Santa Rita³– educandário administrado pelas Irmãs Franciscanas da ordem de Dillingen – e alguns pontos turísticos da cidade. Kaplan relata que as instalações do Colégio Santa Rita eram excelentes para a apresentação do Coral, tanto pelos alojamentos – o pensionato havia sido em décadas anteriores o internato mais famoso do Nordeste, mas naquele momento, por razões econômicas, estavam desativados – como, e principalmente, pelo auditório, que tinha uma ótima acústica e uma capacidade maior do que o auditório da Reitoria de João Pessoa, onde o Coral se apresentava. Terminada a visita e voltando à capital, Kaplan, em meio ao vislumbre da natureza no descendo da serra relata:

Os raios de sol davam brilho quase mágico aos canaviais. Olhando para essa maravilha, tive uma ideia que, no início, me pareceu bizarra, mas depois, rapidamente, tomou corpo: por que não organizar um Festival de Artes em Areia, sob o patrocínio da UFPB? As condições de infraestrutura eram esplêndidas. Além dos alojamentos no Colégio, existiam os da Escola de Agronomia, que também possuía um bom restaurante. A congregação contava com vários pianos (...) Diante dessas possibilidades, achei que poderíamos organizar um Festival nos moldes do de Inverno, em Ouro Preto (MG), do qual eu já participara como professor, em 1968, a convite de Berenice Menegale, uma das diretoras do evento (KAPLAN, 1999, p.136).

Entusiasmado com a ideia que acabara de ter, Kaplan, naquele mesmo momento externa-a aos demais, a Arlindo Teixeira, a Márcia, sua esposa, e ao pró-reitor de graduação, Celso de Paiva Leite, que, ponderado, pediu-lhe um anteprojeto com uma estimativa de custos para encaminhar ao Reitor, o senhor Humberto Nóbrega. "Logo que cheguei a João Pessoa, trabalhei, com Márcia, até a madrugada – tanta era minha

³Sobre a ordem Franciscana de Dillingen no Brasil ver o sítio <http://franciscanasdedillingen.org.br/>, e sobre as irmãs que se instalaram em Areia para administrar o Colégio Santa Rita a partir da década de 1940 ver o ótimo documentário IRMÃS (Sisters) [Doc, 14'54'', Cor, 16:9, Areia/João Pessoa, Brasil, 2011. Dir.: Gian Orsini.].

impaciência e meu entusiasmo" (KAPLAN, 1999, p.137). Após terminado o projeto, Kaplan leva-o e discute alguns pormenores com Celso de Paiva Leite, que, por sua vez, lhe dissera que logo encaminharia a proposta ao Reitor. Havia apenas alguns ajustes de orçamento, mas nada que comprometesse os objetivos que se pretendiam atingir com o evento. E quais seriam esses objetivos, diz Kaplan:

(...) cabe esclarecer que a proposta principal do projeto era oferecer, aos jovens artistas e educadores do Estado e da Região, a oportunidade de aperfeiçoar seus conhecimentos, obter novas informações e tomar contato com outras orientações no seu campo profissional, sem necessidade de ter de se deslocar para o Sul. Anualmente, nas férias de verão e inverno, dezenas de nordestinos acorriam aos Festivais de Teresópolis, Curitiba e Ouro Preto. Infelizmente, esses eventos não estavam ao alcance de todos, pois os gastos com inscrição, viagem, hospedagem e alimentação eram elevados. Assim, muitos ficavam só na vontade (KAPLAN, 1999, p. 137).

Procurava-se, assim, suprir uma lacuna a nível regional, pois não havia um evento equivalente aos festivais citados acima na região Norte-Nordeste. Além disso, a realização de um evento desse porte, relata Kaplan, "daria à Universidade Federal da Paraíba uma posição de destaque entre suas congêneres da região" (KAPLAN, 1999, p.137).⁴Três dias depois, Kaplan se reúne com o reitor, "o Dr. Humberto [que] havia não só aprovado como "comprado" a ideia, - Kaplan [lhe dissera o Reitor], 'pode ter certeza, se a comunidade de Areia concordar e nos ajudar, em janeiro do próximo ano realizaremos o I Festival" (KAPLAN, 1999, p.137).

Foi marcada uma reunião em Areia, a ser realizada no auditório do Colégio Santa Rita, onde estariam presentes "o Prefeito Municipal, o padre Rui, a Irmã Jacinta, o Dr. Thales de Almeida, José Rufino, o Dr. Manuel Gouveia e o tabelião José Henrique." (KAPLAN, 1999, p.138). A exceção do Dr. Celso que havia marcado a reunião, por telefone, e, quando indagado, comenta Kaplan "se limitou a comentar que se tratava de algo que beneficiaria, de maneira decisiva, a cidade" (KAPLAN, 1999, p.138). Sobre a reunião:

Fui para Areia, calculando chegar em cima da hora para evitar perguntas indiscretas antes da exposição. Quando entrei na sala, todos os convidados – e outras pessoas que não conhecia – já me esperavam. Relatei detalhadamente o que a UFPB pretendia realizar. Procurei mostrar as vantagens que o evento poderia trazer para a cidade em termos econômicos e de projeto nacional.

⁴ No Nordeste havia apenas o Festival de São Cristovão, em Sergipe, mas também estava em seus primeiros anos.

Lembrando um velho ditado argentino: "*lo bueno cuando corto, dos veces bueno*" ["o bom quando curto, duas vezes bom"], tratei de ser o mais sucinto possível. Quando acabei, absoluto silêncio. Acredito que estavam profundamente surpresos (KAPLAN, 1999, p.138).

Kaplan relata que houve algumas resistências por parte da cidade de Areia, pois parte da elite local estava receosa pela invasão de pessoas de fora e a consequente perturbação da ordem da pequena e tradicional cidade, no entanto, essas vozes foram dissuadidas. Entre as vozes favoráveis ao Festival, a do Padre Rui foi a mais destacada por Márcia Kaplan. Em entrevista a mim, ela conta um pouco sobre o padre:

Padre Ruy era um padre louco por cultura, o museu que ele fundou ainda tá lá, o museu, de Areia. É uma coisa fantástica. Ele criou na casa dele, a casa quase toda depois era o museu... porque quem mantinha era ele, com o dinheiro dele e da igreja. As empregadas dele que cuidavam, a prefeitura não dava nada. As pessoas doavam objetos, ele pedia também, chegava numa casa, via uma coisa antiga que era representativo de uma época, e de uma fase da história de Areia. Aí ele dizia que tal coisa tava cheio de poeira, sem uso e pedia pra compor o museu, e as pessoas davam. Ele assim foi fazendo o museu, era fantástico o padre Rui. Ele foi uma figura fundamental para o apoio da comunidade ao Festival de Verão, porque era uma sociedade muito aristocrática, preconceituosa, assim, conservadora (KAPLAN, 2017).

Após a comunidade de Areia ter autorizado a realização do evento, os organizadores trataram de encaminhar os preparativos para atingir o objetivo proposto, de se realizar um festival de formação à altura do que era feito em Ouro Preto. Para tanto, era necessário convidar os melhores quadros do Estado, e um grupo de professores, intelectuais e artistas de excelência do resto país para colaborar com o evento. A maior parte desses professores viriam do sudeste e do sul do país.

Pela rapidez com que percebemos o caminhar dos passos burocráticos dentro da UFPB, a garantia de recursos e a confirmação das autoridades locais de Areia, o desenho que vai se formando a partir dessa confluência de vontades, a possibilidade da não realização do evento era ínfima. O festival iria acontecer no verão do ano seguinte...não fosse o contexto político e a radicalização repressiva do regime após o Ai-5, os chamados "Anos de Chumbo".

O SNI tinha diversos órgãos de informação dentro de todas as instituições do país, fosse ela privada ou pública.

Dentro nas universidades esses órgãos eram chamados ASI ou AESI [Assessorias Especiais de Segurança e Informação].⁵ Na UFPB, o chefe dessa assessoria se chamava Ediláudio Luna de Carvalho que, ao saber do festival, "aconselha" as autoridades da UFPB a suspendê-lo, pois assim havia sido "orientado" pelos seus superiores, tendo em vista que a cidade escolhida não oferecia condições adequadas de segurança para um acontecimento desse porte (KAPLAN, 1999, p.137). O historiador José Octávio de Arruda Mello, que foi diretor da edição de 1980 do Festival de Areia, em entrevista concedida a mim, dá mais detalhes sobre a interdição do cancelamento da edição de 1973. Ele conta que à medida que o festival foi sendo organizado, José Alberto Kaplan, que era músico, convidou professores de outras áreas para se juntar a ele na organização da programação, entre eles, para a parte de Literatura, o poeta Virgínius da Gama e Melo, que era tido como alguém de esquerda, tal como Kaplan, apenas por ser da área cultural. Diz José Octávio:

Quando surgiu a ideia do festival, Ediláudio[Ediláudio Luna de Carvalho], absurdamente disse que a Universidade não podia bancar o festival porque ele, como chefe do setor de segurança – era ASI, Assessoria de Segurança e Informação – tinha um órgão desse em todas as repartições federais, sobretudo universidades do país naquele momento, lembre-se que os tempos era de repressão – então quando Kaplan[José Alberto Kaplan], marcado, vem com esse negócio de festival, e Celso [Celso Leite] de uma banda, Virgínius [Virgínius da Gama e Melo], que era um homem da área cultural...a área cultural era sempre mal vista pela repressão, né? aí Ediláudio foi logo em cima: não, num pode não porque eu já detectei e a situação e os terroristas só tão esperando o Reitor ir pra lá pra sequestra-lo. Isso Celso me contou várias vezes. Daí doutor Humberto – doutor Humberto era muito receoso de qualquer situação na área de segurança... aí tirou logo o time de campo e desautorizou qualquer iniciativa da Universidade nesse particular (MELLO, 2016).

"Olhe, foi uma pancada de água gelada", disse-me Márcia Kaplan (2017) em entrevista, "Kaplan pediu demissão da Universidade, doutor Celso e doutor Humberto não deixaram, falaram pra ele tirar férias...mas todos ficamos frustradíssimos, e Kaplan passou um bom tempo deprimido". O cancelamento viera em um momento em que quase todos preparativos estavam concluídos, notícias do festival já se espalhavam pelo país, a

⁵ Eram órgãos instalados dentro de autarquias e federais no contexto da ditadura. Institucionalmente, eram subordinadas às DSI (Divisões de Segurança Nacional) criadas pelo Decreto Nº 60.940, de 4 de julho de 1967. As DSI atuavam em duas frentes, Segurança Nacional e Informações, por isso, respondiam tecnicamente tanto ao Conselho de Segurança Nacional (CSN) como ao Serviço Nacional de Informação. Ver sítio do Mercosur: Derechos Humanos. Disponível em: <http://atom.ipphd.mercosur.int>. Acesso em: 18 setembro 2017.

lista de professores convidados já estava fechada e algumas inscrições já haviam sido realizadas. O grau de avanço dos preparativos do festival podem ser percebidos nesse relato de Márcia, quando lembra que, apesar da boa infraestrutura dos alojamentos, do auditório do Colégio Santa Rita e do Teatro Minerva, Areia não tinha bons restaurantes, daí ela ter se encarregado de treinar os donos de bares e restaurantes para receber os participantes, diz ela:

(...) Não tinha um restaurante em Areia nessa época, tinha muito barzinho, mercearia, tinha uma farmácia bem precária, tipo assim, de ter só remédio de emergência... Foi até um trabalho, que esse trabalho quem fez foi eu, com algumas senhoras de Areia, a gente começou a mostrar a eles, aqueles donos dos bares, que eles podiam melhorar e se transformar em pequenos restaurantes, fazendo a comida típica que eles faziam na casa deles, o rubacão, a carne de sol, a caipirinha com as frutas locais, cajá, umbu, não só de limão, aperfeiçoar a forma de apresentar, eu dei aulas a eles. Juntava um grupo, era tudo lá no colégio das freiras, a gente orientava a limpeza, não fazer aqueles balcões sujos, derramavam cachaça e ficava por isso mesmo, não, a gente treinou o pessoal, e eles ganhavam dinheiro, aí se entusiasmaram. A cidade inteira a gente envolveu, fez um trabalho envolvendo toda a cidade, foi uma pena quando o SNI arrebentou. Eles...eu vi gente chorando... Porque teve inclusive alguns proprietários desses restaurantes, que como o barzinho era na frente de casa, aumentaram pra botar mesinha, tá entendendo? Investiram... tava tudo pronto, já tinha vindo inscrições (....) (KAPLAN, 2017).

Entre os jornais de outros estados, O Diário de Pernambuco (edição de 18 de Outubro), traz na coluna *Música* informações de Cleofas sobre o festival que aconteceria em janeiro do ano seguinte:

[...] Os organizadores do festival paraibano – que unirá artistas daquele Estado e de Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará – mostram algumas razões por que foi a cidade de Areia a escolhida para a festa artística; referem-se ao seu passado histórico cultural, inclusive como berço de grandes nomes das artes brasileiras, como, por exemplo, o pintor Pedro Américo; lembram seu clima ameno, pois a cidade se localiza a mais de 600 metros de altitude; apontam a proximidade da capital e de importantes cidades do Estado e a facilidade de ser proporcionada alimentação adequada aos participantes, por meio do restaurante da Escola de Agronomia. Também a existência de grande número de dependências para a realização dos cursos foi outro ponto a pesar na escolha (REIS, 1972).

Pouco mais de dois meses, no mesmo jornal (edição de 03 de dezembro) Cleofas Reis, informa o adiamento do festival para 1974, assim escreve o jornalista:

Festival Adiado. Notícias de João Pessoa indicam que foi adiado para o ano de 1974 a realização do Festival de Areia, que estava programado para os meses de janeiro e fevereiro próximo pela Universidade Federal da Paraíba. A razão do adiamento não foi explicada, sabendo-se apenas por "motivos superiores" determinaram a decisão do reitor daquele órgão de ensino federal, prof. Humberto Nóbrega. Sobre o Festival que seria realizado dentro em pouco na

cidade paraibana de Areia, demos algumas informações através desta coluna, em domingos anteriores. Seja qual for o motivo do adiamento, é lamentável que ele tenha ocorrido, quando estava sendo visto como uma espécie de oásis no deserto de grandes promoções artísticas que domina o Nordeste (REIS, 1972).

É interessante notar a sagacidade do jornalista em comentar a decisão de cancelamento por "motivos superiores", sem que criticasse abertamente o regime, emulando um desconhecimento de onde partira tal ordem – “Seja qual for o motivo do adiamento, é lamentável que ele tenha ocorrido”. Quando perguntei a Márcia se não tinha nada que pudesse ter sido feito – ou alguém a se recorrer – para remediar a situação, ela, que também estava nos preparativos, foi enfática:

Quem? Quem? O reitor não teve coragem, como é que pode? Você não sabe o que foi a ditadura meu filho, você nasceu pós ditadura muitos anos. Qual é tua idade?[29, lhe respondi]A ditadura tirava gente da sua idade de dentro da cama sem você nem saber porque tava sendo levado. Tem amigos meus que até hoje a família não sabe se tá vivo ou morto, que fim levou. [Geraldo] Vandrê era meu amigo de infância, filho de doutor Vandregíso, companheiro de papai na Universidade, só tinha esse filho, um menino talentosíssimo, ficou perturbado de tanto choque que deram na cabeça dele... aí realmente não teve, não teve como fazer o festival, porque a Universidade era o único órgão, ainda se foi falar, doutor Humberto foi falar com José Américo, que era pai do General Reynaldo [Reynaldo Melo de Almeida, comandante do 1º Exército], pra tentar com ele, ver se....mas José Américo disse que nem falava porque conhecia o filho, e ele era da ditadura mesmo, e muito amigo do General Bandeira [Antônio Bandeira, comandante do 3ºExército], que era outro fascistão de marca maior.

Não havia jeito, se a Universidade estava impedida e se nem José Américo de Almeida – o homem que se dizia que não caía um fio de cabelo na Paraíba sem sua permissão⁶ – nada podia fazer a respeito, o festival estava cancelado. Finalizando a história do festival que não houve, vejamos a lista de professores e colaboradores que já estavam confirmados para dar os cursos e oficinas no evento, nas suas respectivas áreas de atuação, quais eram, Música, Artes Plásticas, Teatro e Literatura.

Nos traz José Alberto Kaplan (1999, p.138-139):

Música: Helder Parente (Rio de Janeiro), para o curso de Iniciação Musical;
Clarice Diniz Ferreira (Salvador), para Didática da Teoria e Solfejo; Dalva Stella

⁶ Este ditado é comentado pelo próprio José Américo no filme de Vladimir Carvalho, “O Homem de Areia”. Doc. Dir. Vladimir Carvalho, 1981.

Nogueira Freire (Fortaleza), para Apreciação Musical e História da Música; Berenice Menegale (Belo Horizonte) e Gerardo Parente (João Pessoa), para o curso de Piano.

Artes Plásticas: Roberto Lúcio de Oliveira e Ismael Caldas (Recife), para o curso de Desenho; Gilvan Samico e Theresa Carmem Diniz (Recife), para Xilogravura; Baldini (Recife), para o curso de Pintura; e José Luiz Menezes e Marcelo Santos (Recife), para o curso de História da Arte.

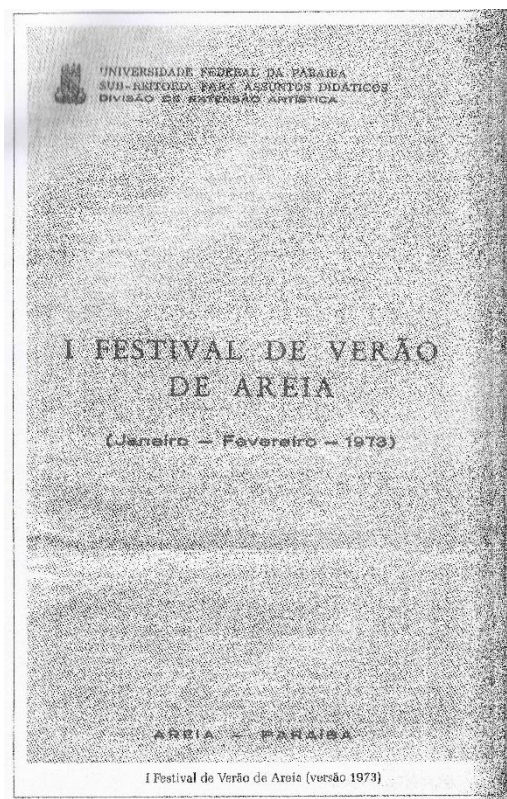
Teatro: Maria José Campos (Recife), para Dicção e Impostação de voz; Milton Baccarelli (Recife), para Direção Teatral; e Hermilo Borba Filho (Recife) - História do Espetáculo.

Literatura: Ariano Suassuna (Recife) - Literatura de Cordel; Juarez da Gama Batista (João Pessoa) e Helmuth Feldman (Alemanha), para o curso "Romancistas do Nordeste"; Virginius da Gama e Melo (João Pessoa), para "Poetas do Nordeste; e Joel Pontes (Recife), para o curso "Dramaturgos Nordestinos".

No Jornal Diário do Paraná, em Novembro de 1972, a jornalista Marisa Ferraro Sampaio (1972) havia informado exatamente esse quadro de professores, e ainda detalhado a quantidade de vagas para cada um desses cursos. Para o curso de Música, 70 vagas, para o de Artes Plásticas, 60, para o de Teatro, 40, e para curso de Literatura, 80 vagas. (SAMPAIO, 1972)

Alguns desses professores serão novamente convidados e virão para as edições posteriores, as que aconteceram a partir de 1976. Durante esses três anos, entre 1973 e 1976, a conjuntura do Estado brasileiro mudou significativamente, tanto dentro do aparelho repressivo, como em relação à cultura. Pela primeira vez, desde a Política de Cultura do Estado Novo, se traçava novamente uma Política Nacional de Cultura com larga abrangência a partir de órgãos, instituições e fundos que serão criados, sobretudo, a partir do governo Geisel. Antes de retomar a história do Festival de Verão de Areia, é imprescindível iluminar esses eventos.

Figura 1 - Cartaz do Festival de 1973



Fonte: Kaplan, 1999, p.144

Referências

FERNANDINO, Fabrício José. **20 anos do Festival de Inverno da Universidade Federal de Minas Gerais: 1967 a 1986**. Tese (Doutorado em Artes). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2011.

SAMPAIO, Marisa. **Música. Diário do Paraná, 3º Caderno, p.2**. Curitiba, 12 de Novembro de 1972. Consulta: Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, no sítio <www.memoria.bn.br>. Acesso em: 22 abril 2017.

KAPLAN, José Alberto. **Caso me esqueça (m)** - Memórias Musicais. In: Coleção Páginas Paraibanas. Departamento de Produção Gráfica da Secretaria da Educação e Cultura. João Pessoa, 1999.

KAPLAN, Márcia Steinbach Silva: depoimento. In LUSTOSA, Victor Soares. **Onde cantam as cigarras: os festivais de arte de Areia e a problemática da cultura brasileira nos anos 1970**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2017.

MELLO, José Octávio de Arruda: depoimento. In LUSTOSA, Victor Soares. **Onde cantam as cigarras: os festivais de arte de Areia e a problemática da cultura brasileira nos anos 1970**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2017.

REIS, Cleofas. **Música. Diário de Pernambuco, 2º Caderno, p.11**. Recife 18 de Outubro de 1972. Consulta: Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, no sítio <www.memoria.bn.br>. Acesso em: 22 abril 2017.